

Pólo tira o cinema brasileiro do buraco

PAULO BARROS



Maria Helena: "Brasília vai atrair cineastas de todo País e será um centro para as produções"

Como a senhora chegou à Secretaria Executiva do Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal?

Maria Helena — Estou aqui desde o início do Projeto. Fui convidada pelo primeiro secretário nomeado, André Gustavo Stumpf. Minha história com o cinema começou quando cursei a Escola de Cinema da PUC, de Belo Horizonte. Depois não trabalhei mais com cinema. Quando vim para Brasília conheci André Gustavo que soube dessa minha ligação com o cinema. Quando foi nomeado, me convidou para trabalhar com ele. No intervalo entre a saída do André e a nomeação de Maria Abadia Silva, eu respondi interinamente pela secretaria. Maria Abadia ficou por pouco tempo, saiu por motivos pessoais. Na época, os conselheiros indicaram meu nome. O secretário de Cultura então me nomeou e desde o dia 2 de junho deste ano estou respondendo pela Pasta.

Ao assumir a Secretaria, a senhora apresentou um plano de ação?

Maria Helena — Acompanho o Pólo desde que ele nasceu, por isso não houve interrupção de nenhum dos projetos. Os secretários anteriores também seguiram esta linha de continuidade. Estou levando adiante os mesmos planos das gestões anteriores. Naturalmente, surgirão novos projetos.

Quais produções já foram beneficiadas pelo Pólo de Cinema e Vídeo?

Maria Helena — Já foram publicados dois editais de produção. O primeiro para finalizar os filmes dos cineastas de Brasília. Foram aprovados dez projetos. Destes já estão prontos *Conterrâneos Velhos de Guerra*, de Wladimir Carvalho, *Defunto Vivo*, de Joaquim Saraiva, e *Good Bye*, de Geraldo Magalhães. Ainda não estão prontos os filmes do Pedro Anísio, Lyonel Lucini, Marcos Mendes, Tânia Quaresma, entre outros. Recebemos 59 projetos do Brasil inteiro. Seleccionamos 15. Os cinco filmes em início de produção beneficiados foram *A Terceira Margem do Rio*, do Nelson Pereira dos Santos, *O Menino Maluquinho*, do Helvécio Ratton, *Sábado*, de Ugo Giorgetti, *O Calor da Pele*, do Pedro Jorge de Castro, e *Louco Por Cinema*, do André Luiz de Oliveira. Os três projetos de finalização selecionados foram do André Klotzel, Carlos Reichembach e Marcio Cury e Yanco del Pino. Os curtas selecionados foram de Alice Andrade, Liloye Brigitte, Reinaldo Pinheiros e Ricardo Braga. Vídeos, Roberto Pires e Otto Guerra. Alguns destes projetos ainda estão dependendo de liberação de verbas.

E como os cineastas reagem a este atraso na liberação do financiamento?

Maria Helena — Às vezes ficam meio bravos, porque têm uma cronograma a cumprir. Ao mesmo tempo, eles entendem que isso não depende do Pólo. O governo do Distrito Federal e o País estão sem dinheiro, mas estamos repassando o que já conseguimos. Alguns cineastas concordaram em receber uma primeira parte da verba e depois receber o restante.

Quais foram os critérios para selecionar as produções?

Maria Helena — Foi nomeada uma comissão de técnicos especializados que avaliou cada um dos projetos para saber se cumpriam as exigências do edital. Estes projetos foram encaminhados ao Conselho Diretor do Programa de Desenvolvimento do Pólo, Concivi-DF, que julgou e classificou os projetos. Como tínhamos limites de verbas, adotamos um critério: 50 por cento da verba ficariam para as produções que iriam começar; 25 para produções em fase de finalização, 15 para os curta-metragem e dez por cento para vídeo. Uma exigência do edital é que os produtores selecionados tivessem empresa ou filial aqui em Brasília. Trata-se de um financiamento, altamente subsidiado pelo governo do Distrito Federal, e os beneficiados vão poder reverter os impostos para a cidade.

Em que a Secretaria está trabalhando neste momento?

Maria Helena — Estamos ainda liberando as verbas do último edital e em seguida, vamos começar a trabalhar no edital do próximo ano. O Pólo também tem outras duas linhas de atuação. Uma é a formação de recursos humanos, estamos preparando um curso sobre som no cinema junto com a Embaixada da França. No ano passado houve um curso de iluminação, também com a escola francesa, e estão em preparação vários cursos com a Universidade de

O Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal, criado em junho de 1991, tirou cinema e cineastas do buraco. O Governo do Distrito Federal se propôs a financiar e subsidiar produções locais e nacionais.

Abriu dois editais de seleção. O primeiro, que beneficiou dez cineastas, foi dirigido apenas às produções dos profissionais de Brasília. O segundo para cineastas do País todo. Para este último, chegaram 59 projetos à mesa da Secretaria. Coube ao Conselho Diretor do Programa de Desenvolvimento do Pólo, Concivi-DF, composto de pessoas do GDF e da classe cinematográfica, selecionar quinze produções. Entre elas, dois curtas de direção feminina. A liberação de verbas deu a dimensão exata de que dinheiro não depende só de boa vontade.

Ainda hoje parte do financiamento não chegou a alguns cineastas. A atual secretária-executiva do Pólo, Maria Helena Pena Mata Machado, empossada no cargo no dia 2 de junho, enfrentou algumas tempestades de impaciência dos cineastas, mas revela à repórter *Eliana Silva* que tudo vem sendo contornado sem dramas. Maria Helena é mineira, de Augusto de Lima, e está em Brasília há 18 anos.

Graduada em Cinema e Pedagogia, a secretária conta que sua experiência de produção só ficou na última prova para o curso na PUC, de Belo Horizonte. "É um trabalho fascinante", mas não se arrisca a entrar, profissionalmente, para os sets de filmagem. Movida à paixão, trabalho e um pouco de cansaço, ela espera contar com um quadro maior em sua administração. Avisa aos cineastas que o edital de produção de 1994 deverá sair neste semestre

Brasília e Secretaria do Trabalho. Outra diretriz é a implantação física do Pólo de Cinema, que já está em andamento em Sobradinho.

O que já tem pronto em Sobradinho?

Maria Helena — Temos uma área de 400 hectares, e neste momento só estamos utilizando 20. Já temos um estúdio pronto. Faltam algumas coisas para se tornar um grande estúdio, mas tem o básico. Este ano queremos comprar novos equipamentos, precisamos, por exemplo, de uma moviola nova. Também foi construída uma área de infra-estrutura de apoio para este estúdio. Já tem também a cidade cenográfica, criada pelo artista plástico Siron Franco, para o filme *A Terceira Margem do Rio*, do Nelson Pereira dos Santos. Depois do Nelson, o estúdio deverá ser cedido para as produções do Pedro Jorge, André Luiz Oliveira e ainda Helvécio Ratton. Enfim, já estamos com uma ocupação razoável em Sobradinho.

O Pólo já gerou empregos?

Maria Helena — Sim. Primeiro na construção das instalações em Sobradinho. E, quanto às produções dos filmes, o Nelson Pereira quando filmava em Paracatu estava com 80 por cento do pessoal de Brasília. Aqui no Pólo ele conta com 60 por cento do pessoal. Acredito que quando tudo estiver em pleno funcionamento vai se tornar um gerador de emprego em potencial.

Qual a importância do Pólo de Cinema e Vídeo para o cinema brasileiro?

Maria Helena — Ficamos surpresos quando abrimos o edital e recebemos 59 projetos. Aí se percebe a carência que o País está em termos de incentivo ou financiamento para cinema. O Pólo surgiu num momento que todos estavam desalentados, sem condições de trabalhar, sem incentivo. Depois do Pólo de Brasília, surgiram outras iniciativas, como a Rio Filmes, no Rio de Janeiro, o projeto do Banespa, em São Paulo, a prefeitura de Salvador também está querendo implantar um pólo. A iniciativa deu certo. Brasília acordou para este problema e a tendência é de a produção de cinema se regionalizar. Brasília saiu na frente.

Qual a avaliação que a senhora faz do cinema nacional?

Maria Helena — Faço uma avaliação otimista. Temos diretores talentosos, extremamente criativos, que fazem excelentes filmes com muito pouco recursos. Acre-

"Recebemos 59 projetos do Brasil inteiro. Seleccionamos 15. Têm projetos dependendo de liberação de verbas. Às vezes alguns cineastas reclamam disto"

"Já temos um estúdio pronto e este ano vamos comprar equipamentos novos. Temos uma cidade cenográfica de autoria de Siron Franco"

dito que em tudo há os bons e os maus, mas gostaria de falar só dos bons. Eles estão lutando para que nosso cinema não morra. Já tivemos fases de excelentes produções. Hoje há pouco dinheiro, muitas dificuldades, e ainda assim tem-se conseguido fazer algumas boas obras.

A senhora poderia citar exemplos de boas produções?

Maria Helena — De uns quatro a três anos para cá se fez pouco cinema. No último festival de Brasília, tivemos, por exemplo, *Perfume de Gardênia* e *Sampaku*. Foram filmes bons e feitos com dificuldade. Mas neste período o cinema andou bem para baixo, quase não se fez nada no País. Eu poderia citar de uma fase anterior: Nelson Pereira é um grande cineasta, gosto do Arnaldo Jabor, Cacá Diegues. São pessoas que fizeram coisas muito boas para o País, tenho muito respeito por eles.

Como a senhora situa a mulher na produção cinematográfica?

Maria Helena — As mulheres entraram com projetos muito interessantes no Pólo. Citaria Norma Bengell, Suzana Moraes. Nos curtas também as mulheres se destacaram. Nos longas, temos excelentes cineastas como Tizuka Yamazaki e Ana Carolina. O Pólo financiou duas produções feitas por mulheres, a Liloye, daqui de Brasília, e Alice Andrade, que está chegando da escola de Cuba, e tem um projeto muito bom, que deve começar este ano. As mulheres estão competindo junto com os homens e não perdem em nada.

O Pólo tem um projeto específico para produções locais?

Maria Helena — Sim. A lei de criação do Pólo prevê que dez por cento da verba liberada para financiamento de filmes serão destinados às produções não comerciais e de interesse comunitário. Produções locais.

Cinema é paixão ou trabalho?

Maria Helena — São as duas coisas. Paixão leva a um trabalho muito pesado. Aqui na Secretaria somos poucos. Estamos tentando aprovar um quadro de pessoal. Sempre tive paixão por cinema, mas chega um momento de cansaço. Apesar disso, acho um trabalho gratificante. As pessoas com as quais lido são maravilhosas. Tenho o maior carinho pelos cineastas. Acredito que uma coisa vai compensando a outra, e as dificuldades passam pelo amor ao trabalho.

Quais filmes a senhora considera inesquecíveis?

Maria Helena — Tenho paixão, pelo cinema italiano. Gosto, é claro, do cinema nacional. Os dois autores que me encantam são italianos: Luchino Visconti e Federico Fellini. Fellini tem dois filmes inesquecíveis: *A Doce Vida* e *La Nave Va*, este último é daqueles que você tem pena quando está acabando e não quer sair do cinema. É maravilhoso. Todos os filmes de Visconti e Fellini são encantadores. Dos nacionais, gosto de *Memórias do Cárcere*, *Vidas Secas*, gosto dos filmes de Arnaldo Jabor, Cacá Diegues. *A Dança dos Bonecos*, do Helvécio Ratton, é um filme lindo. Gosto de um bom faroeste. Enfim, sou fanática por cinema.

Sua programação de fim-de-semana é cinema?

Maria Helena — Não. Gosto de cinema no meio da semana. Saio do trabalho para pegar a sessão de 18h ou 19h. Fim-de-semana tem gente demais. Cinema para mim ainda é aquela coisa de silêncio, de entrar na sala escura. Até hoje não me acostumei com videocassete. Tenho que seguir um ritual: comprar pipoca, entrar, sentar comodamente.

Como a senhora vê essa invasão do vídeo? O cinema está perdendo seu espaço?

Maria Helena — Não. Acredito que está havendo uma revitalização do cinema. Em Belo Horizonte, recentemente houve a inauguração do Cine Belas Artes. Estão surgindo novos cinemas com outra proposta: são pequenas salas. Tem muita gente jovem que curte cinema e não deixa de ver vídeo. São duas vertentes. Acredito que o vídeo está aí para ir para frente, vai melhorar cada vez mais e não vai competir com o cinema.

O que representa para Brasília a criação deste Pólo?

Maria Helena — Brasília vai atrair produções do País todo. Se montarmos um estúdio, como pretendemos, Brasília passará a ser um centro de produção. Com o que temos, já trouxemos a produção de *A Terceira Margem do Rio*. A de *O Menino Maluquinho* também quer vir fazer a parte de estúdio aqui.

"A lei de criação do Pólo de Cinema prevê que 10 por cento da verba liberada para os financiamentos serão destinadas às produções não comerciais e de interesse público: Produções locais"

 SHN: MANHATTAN FLAT BL. "A" Sobreloja sala 297 Tel: 322-5138	ROUPAS DE BALLI - MODELOS EXCLUSIVOS - CALÇAS ENVELOPES - CALÇAS BÁSICAS - SAIAS DE VÁRIOS MODELOS - MACACÕES - COLETES E CANGAS	LANÇAMENTO EXCLUSIVO BLAZER E ROUPAS INFANTIS DE BALLI DE 2 a 14 ANOS ESTAREMOS NA FEIRA DOS IMPORTADOS NO CENTRO DE CONVENÇÕES DE 2 a 12 DE JULHO
--	--	--